

Linguagem e produção de sentido em Lévinas

Márcia Eliane Fernandes Tomé
Mestranda / PUC-Minas / Ciência da Religião

Na busca pela compreensão do sentido da linguagem no pensamento de Lévinas torna-se necessária a verificação de como se articulam na constituição da mesma as categorias rosto e ética. Visto que da imbricação desses temas resulta a significação que a linguagem assume no pensamento do autor.

Para esse filósofo, a linguagem é a essência da ética. O rosto por si só não produz sentido, mas sim o que ele expressa¹ – o mandamento – “tu não matarás”. Essa “expressão original” que não se deixa reduzir a uma regra de conduta é o princípio da relação ética. O sentido se produz como resultado dessa relação original.

Lévinas dá a seu pensamento uma dimensão hermenêutica que se estende muito além da racionalidade tradicional, estando mais afinada com a sabedoria judaica e com o Talmud. Seu interesse nesse tipo de pensamento está na sua dialética aberta e na relação à verdade que ela implica, onde a multiplicidade dos aspectos é irreduzível e alimenta uma eterna discussão².

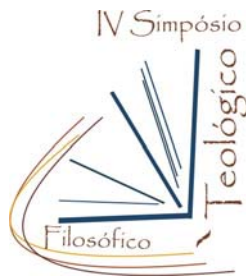
Sua crítica ao discurso universal da razão é porque esse tipo de discurso é uno, não possui alteridade. Lévinas se indaga, como pode a razão ser um eu ou um outro se seu próprio ser consiste em renunciar à singularidade. A construção filosófica ocidental desembocou em duas vias que o autor visa superar: a redução do outro ao mesmo e a redução do mesmo a uma relação interpessoal numa ordem universal³.

A possibilidade de escapar dessa arbitrariedade, de acordo com Lévinas, é a idéia de um eu ateu, que não tem nenhum parentesco com

¹ Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 277.

² Cf. FABRI, Marcelo. *Desencantando a ontologia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. p.85.

³ Cf. KUIAVA, Evaldo Antônio. *Subjetividade transcendental e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Levinas*. Caxias do Sul: Educs, 2003. p.14.



o outro e assim sendo escapa a toda tematização e conceituação. A oposição à ontologia não tem como intenção a destruição da subjetividade, como no pensamento pós-moderno, mas ele quer salvá-la de um eu autônomo ou da moral abstrata que se identifica consigo mesma⁴.

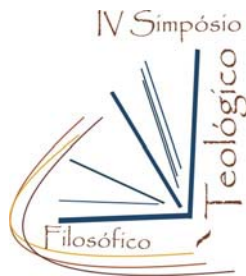
Em *Totalidade e Infinito* ele irá apresentar a metafísica – o saber crítico – como ética ou religião em oposição à ontologia. A metafísica conduz a uma consciência moral, ao acolhimento do outro que é a condição de possibilidade da linguagem e do discurso filosófico. “A metafísica, a transcendência, o acolhimento do Outro pelo Mesmo, de Outrem por Mim produz-se concretamente como a impugnação do Mesmo pelo Outro, isto é, como a ética que cumpre a essência crítica do saber”. (LÉVINAS, 1980, p.30)

Desse modo, Lévinas rompe com o pensamento tradicional e instaura a precedência da metafísica em relação à ontologia, o ser da ontologia consiste em neutralizar o ente para o compreender ou captar, não é uma relação com o Outro como tal, mas a redução do Outro ao Mesmo. É a filosofia do poder e da injustiça.

O esforço de Lévinas caminha no sentido de captar no discurso uma relação não alérgica com a alteridade, consiste concretamente em manter, na comunidade anônima, a sociedade de Eu com Outrem como linguagem e bondade.

A relação ética que se opõe à filosofia da identificação e da totalidade, não é contra a verdade, dirige-se ao ser na sua exterioridade absoluta e anima o percurso para a verdade. A ontologia como compreensão do ser - amplexo do ser - é impossível porque a compreensão do ser em geral não pode dominar a relação com outrem. O conhecimento emerge da relação com outrem. A significação e a objetividade do objeto vêm da linguagem, o seu sentido antecede o visível e o sensível. A significação

⁴ Cf. RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de Amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p.147.



ou a inteligibilidade não está enclausurada no eu que permanece em si, mas no rosto do outro, é no face a face que está expresso todo o sentido⁵.

Assim sendo, percebe-se que o eu ao encontrar-se com outrem, descobre um Outro ser singular que não se deixa tematizar e nem se reduzir a um conceito. A relação ética que se estabelece não possui um caráter conceptual, a ética assim pensada está para além de qualquer plano conceptual e teórico. Lévinas quer pensá-la a partir do puro desinteresse; pensar a partir da significação originária, a partir do infinito do Rosto e do vestígio do seu mistério.

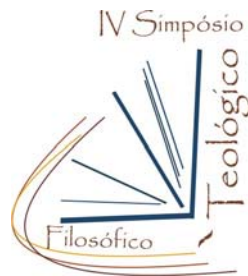
A ética levinasiana resulta do desejo de falar à tradição ocidental aquilo que a cultura grega esqueceu – a alteridade – e que o saber lógico excluiu. A ética como filosofia primeira instaura um diálogo necessário com a experiência religiosa, experiência por excelência que se realiza no próprio interior da relação ética e que se desenvolve como socialidade como acontecimento da transcendência, como evento da manifestação originária e do rosto.

Em *Totalidade e Infinito*, o autor apresenta a “ética como ótica espiritual”

[...] A ética é a ótica espiritual. A relação sujeito-objecto não a reflecte; na relação impessoal que lá conduz, o Deus invisível, mas pessoal, não é abordado fora de toda a presença humana. [...] Faz obra de justiça – a rectidão do frente a frente – para que se produza a abertura que leva a Deus. [...] não pode haver nenhum “conhecimento” de Deus, separado da relação com os homens. Outrem é o próprio lugar da verdade metafísica e indispensável à minha relação com Deus. (LÉVINAS, 1980, p. 65)

Parece-nos possível afirmar que no pensamento desse filósofo, a metafísica é o *locus* das relações sociais. Pois é na metafísica que um ser está em relação com o que ele não poderia compreender. Ter a idéia do infinito equivale no concreto ao discurso que se precisa como relação ética.

⁵ Cf. KUIAVA, Evaldo Antônio. *Levinas no contexto da história*. Cadernos da FAFIMC. 1995. p. 19.



A metafísica é desejo da exterioridade que não se move no conhecimento objetivo, mas no discurso, que se apresenta como justiça no acolhimento feito ao rosto.

A identificação da ética com a justiça faz emergir uma subjetividade cuja origem se encontra na proximidade do próximo e é capaz de salvaguardar os direitos do outro homem.

A ética no pensamento de Lévinas assume o sentido de responsabilidade para com o outro. O Eu como responsabilidade ética significa a identidade profunda do Eu habitada pela alteridade. A ética nesse sentido é uma transcendência do Eu, transcendência como movimento onde o eu se põe a serviço de outrem e se torna responsável por ele.

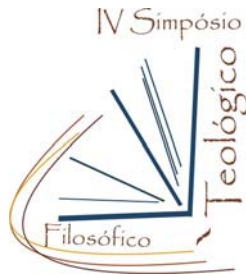
A epifania do Rosto surpreende e lhe aviva o sentido de responsabilidade infinita pelo outro. Aquele que olha o rosto recebe repentinamente a revelação de uma verdade que o conhecimento conceptual não sabe transmitir.

O Rosto é o lugar da expressão, que se abre para a perspectiva do acontecimento da linguagem ética.

O rosto abre o discurso original cuja primeira palavra é obrigação que nenhuma interioridade permite evitar. Discurso que obriga a entrar no discurso, começo do discurso no qual o racionalismo aspira com os seus votos, força que convence mesmo as pessoas que não querem entender e fundamenta assim a verdadeira universalidade da razão. (LÉVINAS, 1980, p.220)

Segundo Kuiava, o rosto para o filósofo lituano é fundamento e guia ético na medida em que é discurso. O rosto fala e sua manifestação é o primeiro discurso. Sua fala é linguagem original, um dizer que precede o pensamento ou imagem preconcebida⁶. De acordo com esse autor, Lévinas é contra a todo discurso filosófico que está apoiado na razão autônoma, a filosofia considera o outro como um outro eu. No

⁶ Cf. KUIAVA, Evaldo Antônio. *Subjetividade transcendental e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Levinas*. Caxias do Sul: Educs, 2003. p.185.



acolhimento do rosto, a vontade abre-se à razão. A linguagem não se limita ao despertar maiêutico de pensamentos comuns ao seres.

Ela não acelera a maturação interior de uma razão comum a todos. Ela ensina e introduz algo de novo em um pensamento; a introdução do novo num pensamento, a idéia do infinito - eis a obra da própria razão. O absolutamente novo é outrem, o racional não se opõe ao experimentado. (LÉVINAS, 1980, p.242)

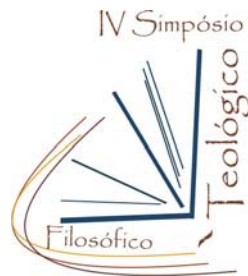
Nessa passagem, percebe-se que para Lévinas o sentido não é dado pelo eu, como numa consciência de, mas vem-me de outrem. Na tradição filosófica, a palavra tem a função de mediar a comunicação, mas é, no entanto, confundida com a própria significação do fenômeno, faz parte da relação entre o sujeito e o fenômeno, entre a significação e a manifestação que é dada a consciência do sujeito. A proposta de Lévinas segue uma outra via, a palavra como acontecimento originário, como linguagem, faz parte da transcendência do rosto, assume uma tarefa concreta: é expressão reveladora e ao mesmo tempo revelada, pois participa do evento do ser que se revela sem mediações negando qualquer tipo de correlação.

Na relação face a face é impossível a reversibilidade devido ao espaço assimétrico entre o Eu e o Outro. A assimetria anuncia a impossibilidade de objetivação. A transcendência da palavra e daquilo que ela pode significar não se insere numa correlação⁷.

O rosto que fala e que escuta é anterior à consciência tematizadora. Na sua obra, *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*, Lévinas afirma que:

[...] a manifestação do rosto é visitação. Ao passo que o fenômeno já é imagem, manifestação cativa da sua forma plástica e muda, a manifestação do rosto é viva. A sua vida consiste em desfazer a forma em que todo o ente, quando entra na imanência, isto é, quando se expõe como tema já se dissimula. (1967, p.235)

⁷ Cf. MELO, Nélcio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 105.



Parece-nos que segundo Lévinas, a fórmula, o rosto fala, quer exprimir que a manifestação do rosto é o primeiro discurso. Falar é vir por detrás de sua aparência, por detrás da forma, trata-se de uma abertura na abertura. A palavra se anuncia, como relação com o outro, é nisso que consiste o evento originário da palavra, da linguagem e por conseguinte da comunicação⁸. A função da linguagem não está subordinada à consciência que se toma da presença de outrem ou de sua vizinhança ou da comunidade com ele, mas como condição desta “tomada de consciência”, assim pensa Lévinas na obra *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*.

Opondo-se à consciência intencional husserliana, Lévinas irá argumentar que a intencionalidade não esgota a sua definição pelo fato de ser uma simples abertura ao ser ou uma correlação sujeito-objeto; o mistério da consciência não se resume ao fato de toda a consciência ser consciência de alguma coisa.

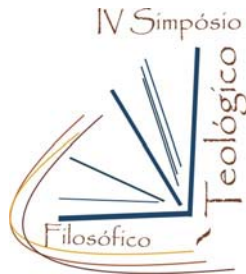
Segundo Ribeiro, a idéia diretriz de Lévinas é apresentar a ética como filosofia primeira a partir da novidade da linguagem como relação interpelação/mandamento.

[...] da situação original da linguagem como expressão do Rosto é que se abria a perspectiva ética. A partir dela o filósofo pode pensar o novo significado da consciência e, igualmente, responder à crise da linguagem das ciências humanas que colocou em questão a subjetividade. (2005, p.148)

Para Lévinas, o que possibilitará a reconstrução da linguagem, e de uma subjetividade criada na escuta do mandamento do outro é a relação com outrem e a categoria de proximidade.

A subjetividade cuja origem se encontra na proximidade do próximo é capaz de opor-se ao anonimato da universalidade da razão. Segundo esse filósofo, aproximar é tocar o próximo, para lá dos dados apreendidos à distância no conhecimento, é aproximar-se de outrem.

⁸ Cf. MELO, Nélcio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 109.



Esta transformação do dado em próximo e da representação em contato, o saber em ética é rosto e pele humana⁹.

Lévinas comentará na obra *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*, que o imediato do contato não é a contigüidade espacial, visível a um terceiro e que significa a síntese do conhecimento. A proximidade é por si mesmo significação. O sujeito entrou na abertura da intencionalidade e da visão.

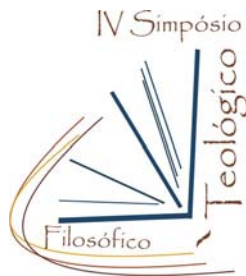
Nesse sentido, a ética não é uma atenuação inofensiva dos particularismos passionais, que introduziu o sujeito humano numa ordem universal e reuniria todos os seres racionais como idéias num reino dos fins¹⁰. O que ela indica é uma subjetividade que entra em contato com uma singularidade excluindo a identificação no ideal, excluindo a tematização e a representação, com uma singularidade absoluta e irrepresentável.

A manifestação do rosto e o sentido que se delineia a partir dele estabelecem a significância da exterioridade, é o ultra-passamento da pretensão teórica que pressupõe a intuição intelectual como fonte significativa.

A relação original, que se realiza na relação face a face com o outro, constitui-se como produção de sentido, essa situação concreta é que dá a linguagem seus conteúdos éticos. A linguagem leva a cabo uma relação entre termos que rompem a unidade de um gênero, isso porque ela define-se como a própria capacidade de quebrar a continuidade do ser, ao contrário da compreensão, o discurso põe em relação com o que permanece essencialmente transcendente.

⁹ Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1967. p. 267.

¹⁰ Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1967. p.287.



“A palavra dirime sobre a visão”¹¹. A visão não é uma transcendência, não abre nada para além do mesmo, ela é apreensão. A luz condiciona as relações entre dados, torna possível a significação dos objetos. Ver é sempre ver no horizonte. O transcendente é palavra que não esgota num único sentido, ele é abertura por excelência, é rosto e sua revelação é palavra.

O rosto em Lévinas institui uma nova configuração do agir moral, o outro é o mestre que ensina, põe em questão a autonomia do eu e o chama à responsabilidade.

Nesse sentido a linguagem ética é responsável pelo surgimento da consciência moral anterior à consciência do idealismo e mesmo à consciência moral da Ontologia heideggeriana. Enquanto a linguagem é dada pela palavra do outro, a consciência moral é anterior à liberdade ou a linguagem do ser¹².

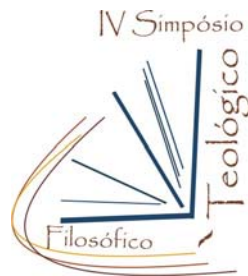
Segundo Lévinas, a linguagem ética não é derivada de uma experiência moral especial, mas ela vem do próprio sentido da aproximação que se destaca do saber, do rosto que se destaca do fenômeno. “[...] o vestígio onde o rosto se compõe não se reduz ao signo pela simples razão de o signo e da sua relação com o significado já estarem tematizados. Ora, a aproximação não é tematização de uma relação qualquer, mas essa própria relação”. (LÉVINAS, 1967, p. 286)

Para o filósofo lituano, a relação de proximidade não é manifestação nem saber, mas o evento ético da comunicação, relação transcendente de mim com o próximo, libertação de signo anterior a qualquer proposição ao enunciado do que quer que seja. “A primeira palavra diz o próprio dizer”¹³. O dizer não nomeia seres não fixa temas e não pretende

¹¹ Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1967. p.275.

¹² Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980. p.174

¹³ RIBEIRO, Nilo Júnior. **Sabedoria de amar**: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas. São Paulo: Loyola, 2009. p.149.



identificar nada. O dizer e o dito não são da mesma ordem, visto que o dizer rompe com a definição daquilo que diz e faz explodir a totalidade que o cerca. O dizer é a própria expressão da linguagem ética que não se esgota no dito ontológico, ou linguagem tematizada. O dizer se constitui como instância crítica que interrompe a sinopse do discurso da totalidade ou o dito da política.

Parece-nos que na ética levinasiana o dizer se firma como produção de sentido para além do ser, o sujeito levinasiano rompe com seu egoísmo através do Dizer e da responsabilidade. A linguagem no pensamento levinasiano é lugar original de toda inteligibilidade. E o dizer do rosto do outro revela o infinito, que não se reduz a nenhuma possibilidade de desvelamento do ser e nem ao encantamento que os signos lingüísticos produzem.

Dessa forma, na perspectiva levinasiana, a linguagem ética é a possibilidade que a razão possui de abandonar o reino do Mesmo. Ela estabelece a anterioridade do sentido em relação aos sinais culturais. A significância do rosto introduz um sentido no ser, que o logos ocidental não consegue abarcar, isto porque a alteridade se situa além do desvelamento da exibição do conhecido. A aproximação do próximo – do rosto – é um modo de comunicação. Nela a significação só pode ser expressa como linguagem ética.



REFERÊNCIAS:

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1967.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1972.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

FABRI, Marcelo. **Desencantando a Ontologia: subjetividade e sentido ético em Lévinas**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

KUIAVA, Evaldo Antônio. **Subjetividade e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Lévinas**. Caxias do Sul: Educ, 2003.

MELO, Nélcio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

RIBEIRO, Nilo Júnior. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2005.